

GALIZA

Era um menino que sonhava preso entre as veias de uma lesma
chamada Galiza, e quando tinha frio tapava-se com a pele de um lagarto arnal.
Há um país, íntimo e ferinte, que nos cinzelou as chagas
entre névoas difusas e ilusórias. Corpo estrábico,
lugar das vísceras onde se escutam líquidos amargos;
ele definiu-nos, moldou-nos, com o seu seio milenar
de dolmens de esparto, foi catecismo, dogma e acto de fé,
foi o nosso purgante, o curtidor de peles que abria o seu estômago
contra o mar. Nós somos ele. Ele é nós e não é nada. País chamado
Galiza, cimento fresco, longa língua de caulino: hoje esconjuramos-te.
E, para além disso, cuspiamos sobre ti, como velhos amantes,
com essa força irredimível que dão os anos e a paciência.
Terra velha, absurdo raquítico tecido em teia de aranha,
que vivemos em ti e só por isso não nos deixas ser normais,
terra sorgona, terra dessangrada e inútil, assumimos que
as nossas veias minhotas não nos querem divorciar da tua sombra.
Por isso resistimos na úlcera, que é morada, neste enigmático país
onde os sovacos escondem enseadas de águas que varrem a memória.
Segregas humidade para espicaçar o menino que faz barcos com as folhas
das verzas que o vento acaricia porque a Galiza está a chegar.
Só através de uma pele como a tua podia cruzar-se o rio do esquecimento,
essa linha lima que te violenta no íntimo das noites cerradas, terra.
Aprendemos-te nos tópicos, terra, amamos-te em breogán e maeloc,
nos mitos e nos fracassos, e mais tarde aí quisémos matar-te, velha,
terra que deitas pus na tua dependência da fatalidade, na tua vontade
minifundista, periférico país rico que sofreste na tua carne as viúvas
dos vivos. Galiza, puta afectada, irredimível em prisciliano,
que assustaste os romanos com um solpor de latão, desafia-nos
e fazes com que todos os dias nos meçamos na tua galegonia.

És teimoso, lesma, perfuras-nos os nervos; e ainda assim confessamos
que te sentimos no mar, quando o teu salitre nos masturba. Galiza,
garrafa partida, romântica em viceto, maternal em risco e em otero,
vigorosa em casal e castelao, irreconhecível nos que te governam,
potra castrada; ainda barcas novas hás-de lavar, e espetarás
filhozes de sangue contra as gaitas sem ponteiro.
Crescemos na tua própria perversidade, contraditos e diminutos,
nos lumes que te arrasam, imprudente penélope,
e suicidamo-nos em ti, no teu processo destrutoconvulsivo;
arrenegamos-te e às vezes definhamos por fugir atrás dos passos do flautista
/de Hamelin.

Invocamos todas as figas de água, meiga, o calor das burgas
as cores do pindo e do ézaro, e que vigostreet recite meendinho
nalgum vidro da ria. País de lula lua, que deita tinta e avanza tacteando,
se calhar um novo menino, uma menina, já te imagina obstipada e rugosa,
mas, para sorte tua, intuem-te com devoção no tacto quente da tua carne
cosonga, como na vigília dos elefantes, evitando que apodreças
à procura do elixir da eterna juventude. Vence-te, velha, esburaca a terra, fedelha,
rosna, muge, electrocuta-nos com um relâmpago azul ou revive-nos eternamente.
Insulta-nos terra, porque não gostamos da palavra pátria, especula-nos,
liberta-te, diminuta mamasunción, eterno país de voluntários, desunidos e
crepusculares, que te reconheces nas pernas de bambu das tuas mariscadoras,
território sem plasma, insegura reserva comanche onde a classe média
foi acusada de egoísmo, nação que perdeste a fé em ti mesma,
miséria cafofa que provoca doença da alma, Galiza, trainha atlântica
que pesca no índico e no ártico, merdosa, vomita sobre os eucaliptos
a bÍlis que te causa complexo de inferioridade, geme sem medo, copula,
projecta-te bravu no nervo e na tractorada, nas cidades de óleo.
Pouco nos importa o teu estado, ainda que a gravidez apontasse
soluções; era suficiente que aprendesses a ser a madrinha
da branca de neve. Espreguiça-te, levas sangue de corvo, açúcarado

nas tuas veias ressequidas, velha, e as rugas de pedramol comem-te o corpo
por muito que nas festas patronais lances os foguetes contra os deuses.
Continuas estirada na montanha mágica, despovoado, envelhecida, tolhido, infinda
veiga de leite, foste diagnosticada e fizeram-te uma lobotomia,
terra, fossilizada nas autoestradas suíças, chorosa em Lausana,
que limitas ao sul com um arrabalde de Buenos Aires, diluída em chamas, país
das cinco mil toneladas, Galiza receoso e desconfiada, já quebrou o negócio
/da saudade.

Olha para ti em cesantes, recria-te em camelle e em antela, no berbés, e afirma-te
quando partes as portas do homem, vamos irmã, vamos olhar-nos
nos relâmpagos do asfalto, chão de sardinha, preia mar atlântica, e
que fujam os ventos e o sal limpe o val miñor; não te aflijas tristemente,
tristemente português vira-te as costas, referente empobrecido, mesmo para si;
olha, dizemos-te que guardas os toletes em ponta do sol; olha, agacha-te
tras os montes e sopra-lhes com força, minho ribeirão, escuta como canta
o galo de barcelos e não escorregues sobre a tua própria identidade.
Aprende a conviver na talolinga, faz dela uma poção, faz em cacos
os paços encantados, caravela de geadas que diz que guardas nas entranhas
verdes naufragos de pé. Queremos sentir a tua epiderme de madalena,
menstruando, Galiza cafusa, pedra amarrada, liquida as neuroses
com que pendes do incerto, trapeiro velho, negro orvalho, borboleta,
fantasma, roncão dum norte pimentel, que os cavalos brancos
que se vislumbram entre a névoa não te assustem com os seus lombos de nácar.
Entre as cruces de pedra uma há onde medra a caraminha; essa
é a que vale, que a sua semente nos leve a con carneau, cacimbo cinzento
que alerta a madrugada. Abre os teus pulmões, inflama os brônquios,
cisma os alvéolos e enche-os de gel, põe-nos de molho num cesto de vindima e
conjura o futuro contra o vômito amarelo. Esse menino que sonhava não sabe
enredar no estrume, velha, está a desenhar círculos concêntricos nos olhos
dum besteiro e sorri como um pirilampo na escuridão. Não podemos
esgotar-nos porque não sabemos o preço do suor num país de voluntários,

terra, apaga esta loucura, apaga o seu magnetismo e deixa
que se estrague a derradeira pinga de neurose. O sol deslumbra
sobre uma estela sabarís da cor do sebo e, quando cai a noite,
a lama que destilam as tuas coxas esvai-se num ardor
com sitalapa, essa fria água das estrelas que nos devolve à realidade.
Sabemos o que sucede quando o coração dum país se rompe, essa
dança dos deuses, esse desamparo, exorcitar o serembé, perverter
os tendões, Galiza engasgada numa voz anaquira, pequeno colibri.
Terra, eterna velha adolescente, europeia em nós por Nós, cosmopolita,
pronuncia-te no mundo, mondonhedo já passou, e somos tu porque somos
parte da tua história, queremos-te bravú e arroutada, rebelde e subversiva,
moça, clandestina-te, faz-te chinês, pronuncia-te namibiana, da lapónia, de
nunca jamais, centrifuga, solta amarras, e navega maradentro, velariza-te
nas línguas africanas. Busca o teu lugar, encontra-o e luta por ele
neste mundo global que nos uniformiza os sentidos, recria-te caminho das estrelas
que são o teu desígnio, o teu destino, lesminha, borboleta miúdo,
revela-te crisálida, tu não és a terra que produz ao ano doze meses certos
e três mil romarias de São Roque. Mostra-nos as tuas nádegas mornas
e consegue, sobre tudo, que um dia logremos esquecer-te. Esse dia serás tu.
Erotiza-te nos soutos, ejacula connosco, pequena peter pan,
e leveda como a massa da empada para sentir-nos respirar.
Porque caminhamos contigo.

[FRAN ALONSO](#)

(Poema traduzido ao português por Carlos Quiroga e Sara Figueiredo Costa e publicado na revista *Comentário* em junho de 2001. Extraído do livro de poemas em galego *Subversións* (Xerais, 2001).